

# RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE - EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: (RE)DESCOBERTA DA HERANÇA NEGRA EM NOSSA CULTURA

Wanderson Felix Viana, Anátalia Martins da Silva<sup>1</sup>

Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE  
[wanderson.viana@fafire.edu.br](mailto:wanderson.viana@fafire.edu.br)

## Resumo

É de consenso geral que o ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena é uma temática a ser abordada nos mais diversos âmbitos da educação, a fim de proporcionar um maior conhecimento dos processos históricos e sociais que englobam as relações étnicas raciais. Nesse sentido, o presente relato de experiência trata de uma sistematização da prática realizada numa ONG (Organização não Governamental) no ano de 2015, com Oficina de Grupo e Oficina Pedagógica. Inicialmente foram contemplados alunos do 6º ano do ensino fundamental anos finais, que naquelas desenvolveram uma série de atividades visando uma maior apropriação de sua identidade cultural, estimulando o respeito às diferenças e fortalecendo os educandos com relação às suas origens. Na Oficina Pedagógica foi trabalhada essa temática utilizando-se dos conteúdos de alfabetização e letramento, abordando a leitura e a escrita, servindo como suporte pedagógico para a melhoria do rendimento escolar dos educandos. Verificamos que os resultados demonstrados são de melhoria no desempenho dos educandos envolvidos, tanto no aspecto comportamental quanto no envolvimento das atividades pedagógicas.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais, Oficina de grupo, Oficina Pedagógica.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta breve sistematização da prática pedagógica que foi vivenciada no ano de 2015 numa Organização Não-Governamental da Região Metropolitana do Recife (RMR) com o projeto intitulado: “Educação das Relações étnico-raciais: (re)descoberta da herança negra em nossa cultura”, desenvolvido com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental anos finais na Oficina de Grupo e na Oficina Pedagógica.

A ONG, espaço de intervenção do projeto, apresenta-se como espaço de referência no atendimento a crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, e se propõe a contribuir na (re)construção de seus projetos de vida, em parceria com a escola, com atividades que propunham uma abordagem sócio-psico-pedagógica para um melhor aproveitamento escolar afim desta reconstrução.

A Oficina de Grupo era a atividade através da qual garantíamos acompanhamento psicossocial sistemático às crianças e adolescentes atendidos. Nos encontros, que ocorriam uma vez

---

<sup>1</sup> [anatalia.ecej@gmail.com](mailto:anatalia.ecej@gmail.com)

por semana, era oferecido às crianças e adolescentes um espaço de escuta e atenção onde pudessem ressignificar experiências, rever crenças e posturas, (re)descobrir suas potencialidades cognitivas, afetivas, sociais, ampliando sua autoestima e protagonismo social, abrindo, assim, possibilidades para escolhas mais conscientes e assunção de compromissos consigo mesmos e com a coletividade.

Por sua vez, na Oficina Pedagógica os encontros aconteciam quatro vezes por semana, com cada turma, sendo dois encontros direcionados para os conteúdos pedagógicos (Português e Matemática) e os demais voltados para informática. Esta atividade disponibilizava um suporte na leitura e interpretação de textos e dados, pautada na perspectiva da alfabetização e letramento e nos conhecimentos básicos da matemática (números e operações, espaço e forma, grandezas e medidas, tratamento de informação) para as turmas do 6º ano, as quais não apresentavam o desenvolvimento esperado nestes conteúdos/processos que incluem suas práticas sociais.

A ideia do projeto aqui apresentado surgiu quando, nas diversas atividades ofertadas na ONG, pudemos observar posturas discriminatórias por parte de nossas(os) educandas(os) no trato com alguns colegas e o uso de termos pejorativos nos relacionamentos cotidianos, indicando a necessidade inadiável de trabalharmos com os mesmos as questões relacionadas à educação das relações étnico-raciais.

Temos também como problemática a falta de reconhecimento, identificação e valorização das contribuições dos povos africanos na nossa cultura, o preconceito e o racismo, o qual é um dos problemas vivenciados com mais frequência, levando consigo a hostilidade e o sentimento de exclusão e não pertencimento e não identificação com eles, levando a ocorrer na sociedade grupos que se conceituam como “superiores” ou “melhores”.

A Lei nº 11.645/08, que altera a Lei 9.934/1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação, torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas, de modo a que, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, os estudantes conheçam outras referências na sua formação cognitiva e psicossocial, trabalhando diferenças culturais, sem hierarquizá-las e, partindo do princípio do respeito às diferenças (BRASIL, 2008).

Como um primeiro passo no enfrentamento do desafio de trabalhar, de forma sistemática, esta temática elaboramos o Projeto “Educação das Relações étnico-raciais: (re)descoberta da

herança negra em nossa cultura”, que teve por objetivo oportunizar às educandas e educandos, em sua maioria afro-descentes, uma ampliação de olhar para a diversidade cultural brasileira, de modo a que possam se reconhecer e valorizar suas origens, empoderando-se dos seus valores e direitos e aprendendo o convívio respeitoso com as diferenças.

Os PCN em seu Volume 10.1 traz o tema Pluralidade Cultural, de modo a pontuar a importância de um trabalho que valorize as diferenças étnicas existentes em nossa sociedade brasileira, promovendo o respeito pelas diferenças e o exercício da cidadania (BRASIL, 1997). Traz ainda que o trabalho com a Pluralidade Cultural:

Oferece, também, elementos para a compreensão de que respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (BRASIL, v. 10.1. 1997, p.19).

Para tanto, podemos dizer que trabalhar com a pluralidade cultural não quer dizer que temos de nos apropriar dos valores culturais aos quais estão sendo abordados, mas sim, exercer um pensamento amplo quanto à diversidade existente, de modo a respeitá-la e perceber como algo presente e constituinte na vida do ser humano.

Trabalhar a cultura afro-brasileira nos permitiu promover um resgate aos seus costumes e tradições, procurando sensibilizar as crianças e jovens a compreenderem e reconhecerem a influência e importância que a cultura africana teve ao longo dos tempos em diversos setores de nossa sociedade.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente as equipes da Oficina Pedagógica e da Oficina de Grupo procuraram se apropriar de recursos metodológicos específicos para a temática a ser trabalhada e, em conjunto, construíram os planos das ações a serem desenvolvidas. No início do ano de 2015 apresentamos os planos às(aos) educandas(os), no intuito de envolvê-los, sensibilizando-os para a temática a ser trabalhada e estimulando-os a pensarem os produtos a serem apresentados ao final de cada semestre. Foi um momento bastante enriquecedor, tanto para as(os) educandas(os) como para as(os) educadoras(es), descortinando possibilidades de diálogo prazeroso e profícuo.

No primeiro semestre, começamos a inserir a temática na Oficina Pedagógica, partindo de provocações acerca de situações cotidianas que remetem ao preconceito e ao respeito às diferenças. Apresentamos às(aos) educandas(os) o quadrinho “Kinduba da Ana”, o qual trazia várias destas

situações. As(os) educandas(os) construíram os seus próprios quadrinhos, abordando esta temática e compartilharam suas produções no grupo. Desta maneira foi possível não só estimular o desenvolvimento de competências em torno do gênero textual estudado, mas, trabalhar a oralidade e a criticidade de cada educando acerca do conteúdo abordado. Também foram utilizados outros recursos metodológicos como textos, imagens e músicas para explorarmos a contribuição negra na nossa cultura. A leitura e interpretação textual foram, ainda, trabalhadas tendo como fonte os textos: “Você e os outros”, e “Falando sobre respeito”, que trazem significativas reflexões acerca de pequenas práticas de respeito no cotidiano. Em decorrência, os educandos produziram uma tirinha com esta mesma temática.

A Atividade de Informática, inserida na Oficina Pedagógica, a qual tinha como objetivo oportunizar as crianças e adolescentes um suporte pedagógico que lhes possibilitasse compreender a variedade de recursos que podem utilizar no processo de aprendizagem e lhes ampliasse a criatividade e criticidade na realização das atividades escolares. Desta forma, os conteúdos de informática também foram trabalhados tendo como pano de fundo a temática da educação das relações étnico-raciais. Textos e músicas foram lidos e interpretados coletivamente e, em seguida, digitados, formatados e explorados pela ferramenta tecnológica estimulando o desenvolvimento de competências tanto no uso de softwares quanto dos equipamentos.

Para enriquecer as reflexões propostas, os educandos participaram de uma aula de campo ao Museu do Homem do Nordeste, situado no bairro de Casa Forte na cidade do Recife, onde lhes foi apresentado um pouco sobre as diversas influências culturais do povo brasileiro, destacando o negro como agente participante na formação da sociedade brasileira.

No segundo semestre de 2015 a temática foi retomada a partir da vivência de brincadeiras de origem indígena e africana, explorando a ludicidade e cooperação que perpassam as relações e vivências no grupo. Também trabalhamos a interpretação textual da música “Canto das três raças”, retomando as reflexões sobre a formação da sociedade brasileira.

Estando o grupo mais sensibilizado e apropriado da temática, aprofundamos as reflexões na Oficina de Grupo através de rodas de conversa, vídeos, poesias, músicas e exercícios de dinâmica de grupo, entre outros recursos. Nesta atividade nos referenciamos nos pressupostos da Psicossociologia, dentre os quais a crença em que:

O psiquismo (o mental) e sua dinâmica são, então, por excelência, o lugar da mudança, da possibilidade de desligamentos e de novas combinações. As condições materiais, objetivas, só têm valor de mudança quando elas são apropriadas mentalmente, ao nível de suas significações. [...] as mutações, a emergência de instituições e de novas práticas sociais se realizam, antes de tudo, por um trabalho do espírito, o único capaz de desfazer relações antigas e elaborar novas [...] se o ato é fundador, ele o é apenas se fizer sentido (LÉVY, 1994, p.116).

As intervenções partiram das percepções, vivências e valores trazidos pelas(os) educandas(os) e, a partir de sua realidade, buscaram ressignificá-los, estimulando o desenvolvimento do senso crítico acerca das relações humanas no que se refere ao respeito, à nossa responsabilidade ao assumirmos determinadas posturas com relação ao outro e, também, ao modo como lemos e interpretamos a sociedade em que vivemos. Isto tudo sem jamais deixar de considerar, o histórico familiar e social que cada sujeito apresenta quando reproduz, nos diversos ambientes, os valores adquiridos ao longo de sua trajetória.

Foram realizadas aulas de campo para o “Museu de Artes Afro Brasil Rolando Toro” e/ou “Memorial Nação Xambá” no intuito de possibilitar aos educandos conhecerem a riqueza das tradições culturais e religiosas de origem africana, sua história e personagens.

Também realizamos uma visita ao salão de beleza “Baloguns” para que as(os) educandas(os) pudessem reconhecer seus penteados, que, como afirmar Lody (2004, p.65) “[...] os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas.” Nestas visitas, as percepções e sentimentos deverão ser registrados para compor um diário de bordo.

Desenvolvemos diversas outras ações de cunho pedagógico e psicossocial de modo a contribuir para a ampliação do conhecimento dos(das) educandos(as) acerca da temática. Sempre que a Oficina Pedagógica desenvolvia alguma ação, em seguida a Oficina de Grupo aprofundava com debates, rodas de conversas, questões sociais contidas no nosso dia a dia, de modo a enriquecer ainda mais o trabalho.

Ao final do projeto tivemos como culminância pedagógica, onde as oficinas produziram e executaram junto com os educandos e educandas um desfile afro, no qual os(as) educandos(as) foram convidados a se caracterizarem com pinturas de tribos africanas, se vestirem com roupas e acessórios afros e a se pentearem com características com tecidos étnicos.

Na Oficina Pedagógica, os(as) educandos(as) a produziram de um “grande” livro de receita culinária afro-brasileira, mostrando a rica presença africana em nossa culinária. Também criamos um “grande” minidicionário com palavras de cunho africano ou afro-brasileiro, no qual mostrava a palavra, seu significado e a sua imagem, de modo a apresentar aos(as) demais educandos(as) da instituição um pouco da variedade de palavras de origem africana que temos em nossa sociedade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo das atividades desenvolvidas, conseguimos fazer observações bastante pertinentes no que diz respeito à postura dos(as) educandos(as) em relação ao tema proposto. Em alguns o movimento inicial era de recusa ao que era apresentado, como se de fato não fizessem parte daquela realidade, traziam consigo falas que reproduziam preconceitos e discriminações típicos de nossa sociedade. Alguns, no entanto, se mostraram desde o início, bastante empolgados e abertos para participarem das atividades, trazendo uma série de contribuições, vivências e exemplos do dia a dia, enriquecendo, assim, nossas discussões.

Sabemos que esta temática é bastante desafiadora, pois, traz à tona representações, mitos e crenças distorcidas e profundamente arraigadas, vez que frutos de um secular processo de alienação. Propusemos-nos, então, a desconstruir tais processos no intuito de resgatar a auto-estima dos nossos educandos.

É importante enfatizar que tivemos a clareza de que o processo de significação ou ressignificação é bem particular para cada indivíduo e que precisamos, portanto, estar atentos ao tempo/ritmo de cada educando participante das atividades.

O estreitamento ou a ampliação do horizonte interior do ser humano não pode ser medido por outra pessoa, o processo de desabrochamento pessoal só se torna compreensível à luz da experiência própria, do procurar-se e encontrar-se, onde, então, de diferentes maneiras é sentida a posição axial de autoconsciência (AXLINE, 1986, p.26).

Todavia, tivemos a responsabilidade, enquanto educadores, de contribuir com o desenvolvimento do senso crítico dos(as) educandos(as) para que estes pudessem pensar e agir dentro do princípio do respeito as diferenças, visando o combate a todo e qualquer comportamento de hostilidade e intolerância nas relações humanas. Trabalhamos o ser humano em sua integralidade, assim, não basta transmitir conteúdos; estes precisam ser refletidos e elaborados de modo a que possam fazer sentido para os sujeitos, contribuindo para acrescentar, positivamente, em sua estrutura psíquica e cognitiva, valores que eduquem e libertem.

No tocante do rendimento escolar dos(as) educandos(as), quanto ao uso da temática em questão, durante a Oficina Pedagógica, pudemos perceber um avanço significativo em suas produções textuais. Os(as) educandos(as) ao se expressar quanto ao assunto das relações étnico raciais, apresentavam muito mais clareza em seus discursos.

## **CONCLUSÕES**

Os resultados iniciais dos educandos que vivenciaram o projeto foram visíveis, tanto na Oficina de Grupo, quanto na Pedagógica. No que diz respeito à Pedagógica pontuamos que esta temática lhes possibilitou o enriquecimento do vocabulário, aprimorando leitura, escrita e interpretação textual, partindo, primeiramente do levantamento de palavras de origem africana na Língua Portuguesa. No que se refere à leitura, as crianças e adolescentes melhoraram significativamente, demonstrando querer sempre ler quando lhes é solicitado.

Tendo em vista os objetivos do nosso trabalho, pudemos observar algumas mudanças significativas, pois, a grande maioria dos educandos trouxeram mais relatos acerca da temática, desde cenas de novelas a matérias colhidas na Internet ou em jornais ou revistas impressas, fomentando ainda mais nossos debates acerca das relações étnico raciais em nossa sociedade. Além disso, cotidianamente foi possível perceber que alguns educandos estiveram mais atentos às próprias atitudes, e as dos colegas indicando quando estas, de alguma forma pressupunha preconceito ou discriminação racial, o que tinha sido muito satisfatório para toda a equipe, pois, revela que acertamos na escolha desta temática em nosso projeto educativo.

Para tanto, fica entendido que o trabalho com a temática das relações étnico-raciais torna-se uma ação de grande relevância para obter como consequência um entendimento mais amplo dos agentes envolvidos acerca da temática e práticas sociais mais voltadas para o exercício da cidadania, o bem viver da sociedade e valorização e reconhecimento da herança negra em nossa cultura.

## **REFERÊNCIAS**

AXLINE, V. M. **Dibs em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

BRASIL. **LEI nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm). Acesso em 12 de agosto de 2015.

BRASIL. **LEI nº 11.645 de 10 de março de 2008, do ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e indígena**. Disponível em

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em 12 de agosto de 2015.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2015.

LÉVY, André et al. **Psicossociologia**: análise social e intervenção, Petrópolis: Vozes, 1994.

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé**: Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136.